

Um lugar selvagem, um amor sem limites

K R I S T I N
H A N N A H

AUTORA COM MAIS DE 15 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

A grande solidão



1974



UM



Naquela primavera, a chuva caía em grandes pancadas violentas que sacudiam os telhados. A água penetrava pelas menores frestas e minava as fundações mais sólidas. Faixas de terra que se mantiveram firmes por gerações desmoronavam como montes de escória nas estradas lá embaixo, arrastando consigo casas, carros e piscinas. Árvores tombavam sobre as fiações; a energia foi cortada. Rios transbordavam, espalhavam-se por jardins, destruíam casas. Pessoas que se amavam explodiam, e brigas surgiam enquanto a água subia e a chuva continuava.

Leni também estava tensa. Ela era a garota nova na escola, apenas um rosto na multidão; uma menina de cabelo comprido repartido ao meio que não tinha amigos e andava sozinha até o colégio.

Nesse momento, ela estava sentada em sua cama com as pernas magras encolhidas junto ao peito reto e um exemplar cheio de orelhas de *A longa jornada* aberto ao seu lado. Através das paredes finas da grande casa de um andar, ela ouviu a mãe dizer: *Ernt, querido, por favor, não. Escute...* e a resposta raivosa do pai: *Me deixe em paz, droga.*

Eles tinham começado outra vez. A discutir. A gritar.

Logo haveria choro.

Esse clima despertava a escuridão em seu pai.

Leni olhou para o relógio ao lado da cama. Se ela não saísse agora, ia se atrasar para a escola, e a única coisa pior que ser a garota nova no colégio era chamar atenção para si. Ela havia aprendido isso da pior forma possível; nos últimos quatro anos, tinha ido para cinco escolas. Nem uma vez encontrou um meio de se adaptar de verdade, mas se mantinha teimosamente esperançosa. Ela respirou fundo, estendeu as pernas e saiu da cama. Movendo-se com cautela por seu quarto vazio, seguiu pelo corredor e parou na porta da cozinha.

– Droga, Cora – disse o pai. – Você sabe como isso é difícil para mim.

A mãe deu um passo na direção dele e estendeu a mão.

– Você precisa de ajuda, querido. Não é sua culpa. Os pesadelos...

Leni pigarreou para chamar a atenção deles.

– Oi.

O pai a viu e se afastou um passo da mãe. Leni notou como ele parecia cansado, destruído.

– Eu... Eu tenho que ir para a escola – disse Leni.

A mãe levou a mão ao bolso do peito de seu uniforme rosa de garçoneiro e pegou os cigarros. Ela parecia cansada; tinha trabalhado no último turno na noite anterior e, nesse dia, estava com o turno do almoço.

– Pode ir, Leni. Você não quer chegar atrasada. – Sua voz era calma e suave, tão delicada quanto ela.

Leni estava com medo de ficar e com medo de ir. Era estranho – até estúpido –, mas com frequência se sentia como o único adulto de sua família, como se fosse o lastro que mantinha o barco decrepito dos Allbrights no prumo. A mãe estava envolvida em uma busca contínua para se “encontrar”. Nos últimos anos, ela experimentara os Seminários de Treinamento Erhard e o movimento de potencial humano, treinamento espiritual, unitarianismo. Até o budismo. Ela passara por todos eles e selecionara algumas partes de cada. Basicamente, pensou Leni, a mãe saíra disso com camisetas e frases. Coisas como *O que é é, e o que não é não é*. Nada disso parecia ter muito resultado.

– Pode ir – disse o pai.

Leni pegou a mochila na cadeira ao lado da mesa da cozinha e se dirigiu à porta da frente. Quando a porta bateu às suas costas, ouviu-os começar outra vez.

Droga, Cora...

Por favor, Ernt, apenas escute...

As coisas nem sempre tinham sido assim. Pelo menos era o que a mãe dizia. Antes da guerra, eles eram felizes, na época em que viviam em um camping de trailers em Kent, o pai tinha um bom emprego como mecânico, e a mãe ria o tempo inteiro e dançava “Piece of My Heart” enquanto fazia o jantar. (Ela dançando era tudo de que Leni se lembrava daqueles anos.)

Então o pai foi convocado, partiu para o Vietnã, foi ferido e capturado. Sem ele, a mãe desabou. Nessa época, Leni entendeu pela primeira vez a fragilidade dela. As duas ficaram sem rumo por um tempo, ela e a mãe, pularam de um emprego para outro e de uma cidade para outra até enfim encontrarem um lar em uma comunidade no Oregon. Lá, cuidavam de colmeias, faziam sachês de lavanda para vender na feira dos fazendeiros e protestavam contra a guerra. A mãe mudou sua personalidade apenas o suficiente para se encaixar.

Quando o pai finalmente voltou para casa, Leni mal o reconheceu. O homem bonito e risonho de sua lembrança tinha se tornado deprimido, distante e ficava

irritado com facilidade. Ao que parecia, odiava tudo na comunidade, por isso eles se mudaram. Então se mudaram de novo. E de novo. Nada nunca saía como ele queria.

Ele não conseguia dormir nem manter um emprego, embora a mãe jurasse que ele era o melhor mecânico do mundo.

Era sobre isso que ele e a mãe estavam discutindo naquela manhã: o pai tinha sido demitido outra vez.

Leni vestiu o capuz. A caminho da escola, ela atravessava quadras de casas bem cuidadas, passava por uma mata escura (*fique longe de lá*), pela lanchonete A&W, aonde os garotos do ensino médio iam nos fins de semana, e por um posto de gasolina, em frente ao qual uma fila de carros esperava para encher o tanque por 13 centavos o litro. Isto era algo que deixava todos com raiva naqueles dias: o preço da gasolina.

Até onde Leni podia dizer, adultos, em geral, eram nervosos, mas isso não chegava a surpreender. A guerra no Vietnã tinha dividido o país. Jornais alardeavam notícias ruins todos os dias: bombardeios dos Weathermen ou do IRA; aviões sendo capturados; o sequestro de Patty Hearst. O massacre das Olimpíadas de Munique deixara o mundo inteiro em choque, assim como o escândalo de Watergate. E, recentemente, universidades da Washington State tinham começado a desaparecer sem deixar rastro. Era um mundo perigoso.

Ela daria qualquer coisa por um amigo de verdade naquele momento. Era tudo o que ela realmente queria: alguém com quem conversar.

Por outro lado, não a ajudava falar de suas preocupações. De que adiantaria isso?

Claro, o pai às vezes perdia a calma e gritava, e eles nunca tinham dinheiro suficiente e se mudavam o tempo todo para fugir dos credores, mas eles eram assim e se amavam.

No entanto, às vezes, sobretudo em dias como aquele, Leni ficava com medo. Sentia como se sua família estivesse se equilibrando à beira de um altíssimo penhasco que podia desmoronar a qualquer segundo, desabar como as casas que caíam nas encostas instáveis e encharcadas de Seattle.



Depois da aula, Leni voltou para casa a pé, na chuva, sozinha.

Sua casa ficava no meio de uma rua sem saída, em um quintal menos cuidado que os demais: uma construção marrom de um andar com jardineiras vazias, calhas entupidas e um portão de garagem que não fechava. Ervas daninhas cres-

ciam aos montes nas telhas cinzentas e deterioradas do telhado. Um mastro de bandeira nu apontava acusadoramente para cima, uma declaração sobre o ódio de seu pai pela direção que o país tinha tomado. Para um homem que a mãe chamava de patriota, ele sem dúvida odiava seu governo.

Ela viu o pai na garagem, sentado a uma bancada de trabalho inclinada ao lado do Mustang amassado da mãe com a capota coberta de *silver tape*. Caixas de papelão o atulhavam, repletas de coisas que eles ainda não haviam desembalado desde a última mudança.

Ele estava vestido – como sempre – com o casaco militar esfarrapado e a calça Levi's rasgada. Estava curvado para a frente, com os cotovelos apoiados nas coxas. Seu cabelo preto e comprido estava todo emaranhado e ele precisava aparar o bigode. Seus pés sujos estavam descalços. Mesmo inclinado e com aparência cansada, era bonito como um astro de cinema. Todo mundo achava isso.

Ele inclinou a cabeça e olhou para ela por trás do cabelo. O sorriso que abriu era um pouco vacilante nas pontas, mas ainda iluminava seu rosto. O pai dela era assim: podia ser mal-humorado e temperamental, às vezes até assustador, mas apenas porque sentia com muita força coisas como amor, perda e decepção. Principalmente amor.

– Lenora – disse ele com sua voz rouca de fumante. – Eu estava esperando por você. Me desculpe por ter perdido o controle. E o emprego. Você deve estar muito decepcionada comigo.

– Não, pai.

Ela sabia quanto ele lamentava. Podia ver isso em seu rosto. Quando era mais nova, às vezes se perguntava de que adiantavam todos aqueles pedidos de desculpas se nada nunca mudava, mas a mãe lhe explicara. A guerra e a captura tinham partido algo dentro dele. *É como se a coluna dele estivesse quebrada*, dissera a mãe. *E você não deixa de amar uma pessoa quando ela está machucada. Você fica mais forte para que ela possa se apoiar em você. Ele precisa de mim. De nós.*

Leni se sentou ao lado dele. O pai passou um braço em volta e a puxou para mais perto.

– O mundo está sendo governado por malucos. Isto não são mais os meus Estados Unidos. Eu quero... – Ele não terminou, e Leni não disse nada.

Ela estava acostumada à tristeza e à frustração do pai. Ele parava frases no meio o tempo todo, como tivesse medo de dar voz a pensamentos assustadores ou depressivos. Leni conhecia essa reticência e a entendia; muitas vezes era melhor ficar em silêncio.

Ele levou a mão ao bolso e pegou um maço de cigarros bem amassado. Acendeu um e ela sentiu o cheiro acre e familiar.

Leni sabia quanto ele estava sofrendo. Às vezes acordava com o pai chorando e a mãe tentando acalmá-lo, dizendo coisas como *Shh, tudo bem, Ernt, já acabou, você está em casa em segurança*.

Ele balançou a cabeça e exalou uma torrente de fumaça cinza-azulada.

– Eu só quero... mais, eu acho. Não um emprego. Uma vida. Quero andar pela rua e não ter que me preocupar em ser chamado de assassino de bebês. Quero... – Ele suspirou e sorriu. – Não se preocupe. Vai ficar tudo bem. Nós vamos ficar bem.

– Você vai conseguir outro emprego, pai – disse ela.

– Claro que vou, Ruiva. Amanhã vai ser melhor.

Era isso que seus pais sempre diziam.



Em uma manhã fria e desoladora no meio de abril, Leni acordou cedo, tomou seu lugar no sofá florido caindo aos pedaços na sala e ligou a TV no *Today Show*. Ajustou as antenas para conseguir uma imagem decente. Quando entrou em foco, Barbara Walters estava dizendo: “...Patricia Hearst, que agora chama a si mesma de Tania, é vista nesta fotografia segurando uma espingarda M1 no recente assalto a banco em São Francisco. Testemunhas contam que a herdeira de 19 anos, que foi sequestrada pelo Exército Simbionês de Libertação em fevereiro...”

Leni estava fascinada. Ela ainda não acreditava que um *exército* pudesse invadir e levar uma adolescente de seu apartamento. Como alguém podia ficar seguro em qualquer lugar em um mundo assim? E como uma adolescente rica se tornava uma revolucionária chamada Tania?

– Vamos, Leni – disse a mãe da cozinha. – Arrume-se para a escola.

A porta da frente se abriu bruscamente.

O pai entrou em casa, sorrindo de um jeito que tornava impossível não sorrir de volta. Ele parecia gigantesco, imponente na cozinha de teto baixo, vibrante contra as paredes cinza com marcas de infiltração. Água escorria de seu cabelo.

A mãe estava parada junto ao fogão, fritando bacon para o café da manhã.

O pai entrou na cozinha e ligou o rádio de transistor que ficava na bancada de fórmica. Um rock estridente tocou. O pai riu e puxou a mãe para seus braços.

Leni ouviu seu sussurro:

– Sinto muito. Me perdoe.

– Sempre – respondeu a mãe, segurando-o como se estivesse com medo que ele a empurrasse para longe.

O pai manteve o braço em torno da cintura da mãe e a levou até a mesa da cozinha. Ele puxou uma cadeira e disse:

– Leni, venha cá!

Leni adorava quando eles a incluíam. Ela deixou seu lugar no sofá e se sentou ao lado da mãe. O pai sorriu para ela e lhe deu um livro em brochura: *O chamado selvagem*.

– Você vai adorar, Ruiva.

Ele se sentou de frente para a mãe e se aproximou da mesa. Tinha no rosto o que Leni chamava de seu sorriso de Grande Ideia. Ela já o vira antes, sempre que o pai tinha um plano para mudar suas vidas. E ele tivera muitos planos: vender tudo e acampar por um ano, enquanto percorriam a autoestrada de Big Sur. Criar visons (que horror tinha sido *isso*). Vender pacotes de sementes da American Seed na Califórnia Central.

Ele pegou uma folha de papel dobrada no bolso e bateu com ela na mesa de modo triunfante.

– Vocês se lembram de meu amigo Bo Harlan?

A mãe levou um momento para responder.

– Do Vietnã?

O pai assentiu. Para Leni, disse:

– Bo Harlan era o chefe da equipe, e eu era o atirador de porta. Cuidávamos um do outro. Estávamos juntos quando nosso helicóptero caiu e fomos capturados. Passamos pelo inferno juntos.

Leni percebeu como ele estava tremendo. As mangas de sua camisa estavam arregaçadas, então ela podia ver as cicatrizes de queimadura que iam do pulso ao cotovelo em elevações de pele franzida e desfigurada que nunca queimavam com o sol. Leni não sabia o que as causara – ele nunca contou e ela não perguntou –, mas tinham sido feitas pelos captores. Ela adivinhara isso. As cicatrizes também cobriam suas costas, repuxando a pele em redemoinhos e rugas.

– Eles me fizeram vê-lo morrer – disse o pai.

Leni olhou com preocupação para a mãe. O pai nunca tinha contado isso antes. Ouvir essas palavras as deixou preocupadas.

Ele bateu com o pé no chão e tamborilou na mesa, num movimento rápido. Desdobrou a carta, alisou-a e virou-a para que elas pudessem ler as palavras.

Sargento Allbright,

Você é um homem difícil de encontrar. Eu sou Earl Harlan.

Meu filho, Bo, escreveu muitas cartas sobre a amizade de vocês. Eu lhe agradeço por isso.

Em sua última carta, ele me disse que, se alguma coisa lhe acontecesse naquela droga de lugar, queria que você ficasse com as terras dele aqui no Alasca.

Não é muito: 16 hectares com uma cabana que precisa de reparos. Mas um homem trabalhador pode viver da terra por aqui, longe dos loucos, dos hippies e da confusão dos outros 48 estados continentais.

Eu não tenho telefone, mas você pode me escrever aos cuidados do correio de Homer. Cedo ou tarde recebo a carta.

A terra fica no fim da estrada, depois do portão prateado com uma caveira de vaca e pouco antes da árvore queimada, no marco de 20 quilômetros.

Obrigado outra vez,

Earl

A mãe ergueu os olhos. Inclinou a cabeça como um passarinho enquanto observava o pai.

– Esse homem... Bo, nos deu uma casa? Uma *casa*?

– Imagine só – disse o pai, que se erguera da cadeira com o entusiasmo. – Uma casa que é *nossa*. Somos *donos* dela. Em um lugar onde podemos ser autossuficientes, plantar nossa horta, caçar nossa carne e ser livres. Nós sonhamos com isso por anos, Cora. Viver uma vida mais simples, longe de todas as mentiras daqui. Nós podíamos ser livres. Imagine só.

– Esperem – disse Leni. Mesmo para o pai, aquilo era demais. – Alasca? Você quer se mudar de novo? Nós acabamos de vir para cá.

A mãe franziu a testa.

– Mas... Não há nada lá, há? Só ursos e esquimós.

Ele puxou a mãe para que se levantasse com uma avidez que a fez tropeçar. Leni via uma ponta de desespero em seu entusiasmo.

– Eu preciso disso, Cora. Preciso de um lugar onde possa respirar de novo. Às vezes, sinto como se fosse arrancar a minha pele. Lá, os flashbacks e outras coisas vão parar. Eu sei. Nós precisamos disso. Podemos voltar a ser como antes de o Vietnã acabar comigo.

A mãe ergueu o rosto para o pai, sua palidez um contraste marcante com o cabelo preto e a pele morena dele.

– Vamos, querida – disse o pai. – Imagine...

Leni viu a mãe suavizar, reformulando suas necessidades para combinarem com as dele, imaginando essa nova personalidade: alaskiana. Talvez ela achasse que fosse como os Seminários de Treinamento Erhard, a ioga ou o budismo. A resposta. Onde, quando ou o que não importavam. Ela só se importava com ele.

– Nossa própria casa – disse ela. – Mas... dinheiro... Você podia solicitar aquele auxílio militar para deficiência...

– Esse assunto de novo, não – retrucou ele com um suspiro. – Não vou fazer isso. Tudo de que é uma mudança. E vou tomar mais cuidado com dinheiro de agora em diante, Cora. Eu juro. Ainda tenho um pouco do dinheiro que herdei de meu pai. E vou parar de beber. Vou frequentar aquele grupo de apoio a veteranos aonde você quer que eu vá.

Leni tinha visto tudo isso antes. No fim, não importava o que ela ou a mãe queriam.

O pai queria um novo começo. Precisava disso. E a mãe precisava que ele fosse feliz.

Então eles iam tentar outra vez em um lugar novo, na esperança de que a geografia fosse a resposta. Eles iam para o Alasca em busca de seu novo sonho. Leni ia fazer o que lhe pedissem de boa vontade. Ela seria a garota nova na escola *outra vez*. Porque o amor era isso.

DOIS



Na manhã seguinte, Leni estava deitada na cama ouvindo o tamborilar da chuva no telhado, imaginando cogumelos surgindo embaixo de sua janela, seus chapéus bulbosos e venenosos abrindo caminho através da lama, brilhando de maneira tentadora. Ela tinha ficado acordada até bem depois da meia-noite, lendo sobre a vasta paisagem do Alasca, que a cativara de um jeito inesperado. Ao que parecia, a última fronteira era como seu pai. Maior que a vida. Expansiva. Um pouco perigosa.

Ela ouviu a música – uma melodia transistorizada e metalizada –, “Hooked on a Feeling”. Afastou as cobertas e saiu da cama. Na cozinha, encontrou a mãe parada diante do fogão, fumando um cigarro. Ela parecia etérea à luz da lâmpada, com o cabelo louro repicado ainda despenteado, o rosto encoberto pela fumaça cinza-azulada. Usava uma regata branca que tinha sido lavada tantas vezes que estava folgada em seu corpo magro e uma calcinha rosa-choque com o elástico da cintura frouxo. Uma pequena marca roxa na base de seu pescoço era estranhamente bonita, quase uma estrela, realçando a delicadeza de seus traços.

– Você devia estar dormindo – disse a mãe. – É cedo.

Leni se aproximou dela e apoiou a cabeça em seu ombro. A pele da mãe cheirava a perfume de rosas e cigarro.

– Nós não dormimos – disse Leni.

Nós não dormimos. Era o que a mãe sempre dizia. Você e eu. A conexão entre elas era uma constante, um conforto, como se a similaridade reforçasse seu amor. Sem dúvida era verdade que a mãe tinha problemas para dormir desde que o pai voltara para casa. Sempre que Leni acordava no meio da noite, via a mãe flutuando pela casa, com seu robe diáfano aberto. No escuro, a mãe costumava falar sozinha em um sussurro, dizendo palavras que Leni nunca conseguia entender direito.

– Nós vamos mesmo? – perguntou Leni.

A mãe olhou fixamente para o café preto sendo filtrado no pequeno recipiente de vidro no alto do bule de metal.

– Acho que sim.

- Quando?
- Você conhece seu pai. Em breve.
- Eu vou terminar o ano letivo?

A mãe deu de ombros.

- Onde ele está?

– Ele saiu antes do amanhecer para vender a coleção de moedas que herdou do pai. – A mãe se serviu de café e tomou um gole, em seguida botou a caneca sobre a bancada de fórmica. – Alasca. Meu Deus. Por que não Sibéria? – Ela deu uma traga demorada no cigarro. Soltou a fumaça. – Eu preciso de uma amiga para conversar.

- Eu sou sua amiga.

– Você tem 13 anos. Eu tenho 30. Eu deveria ser sua *mãe*. Preciso me lembrar disso.

Leni ouviu desespero na voz da mãe e isso a assustou. Sabia como tudo era frágil: sua família, seus pais. Uma coisa que todo filho de prisioneiro de guerra sabia era a facilidade com que as pessoas podiam ser destruídas. Leni ainda usava o bracelete reluzente de prisioneiro de guerra em homenagem a um capitão que não voltara para sua família.

– Ele precisa de uma chance. Um novo começo. Todos nós precisamos. Talvez o Alasca seja a resposta.

– Como Oregon era, e Snohomish, e os pacotes de semente que iam nos deixar ricos. E não se esqueça do ano em que ele achou que conseguiria fazer uma fortuna com máquinas de pinball. Podemos pelo menos esperar o fim do ano letivo?

A mãe suspirou.

- Acho que não. Agora vá se vestir para a escola.

- Hoje não tem aula.

A mãe ficou em silêncio por um bom tempo, em seguida disse baixinho:

- Você se lembra do vestido azul que seu pai comprou para você de aniversário?
- Lembro.
- Vista-o.
- Por quê?

- Ande logo. Vá se vestir agora. Você e eu temos coisas a fazer hoje.

Embora estivesse irritada e confusa, Leni fez o que lhe mandaram. Sempre fazia o que lhe mandavam. Isso tornava a vida mais fácil. Ela foi até o quarto e procurou em seu armário até achar o vestido.

Você fica linda como uma pintura nele, Ruiva.

Só que ela não ficava. Ela sabia exatamente o que parecia: uma garota de 13 anos alta, magra e sem peitos em um vestido fora de moda que mostrava suas

coxas finas e fazia seus joelhos parecerem maçanetas. Uma garota que devia estar à beira de se transformar em mulher, mas era óbvio que não estava. Tinha quase certeza de que era a única garota da sua série que ainda não havia menstruado nem botado peitos.

Ela voltou para a cozinha vazia, que cheirava a café e fumaça de cigarro, jogou-se em uma cadeira e abriu *O chamado selvagem*.

A mãe demorou uma hora para sair do quarto.

Leni quase não a reconheceu. Ela havia puxado o cabelo louro para trás e o prendido em um pequeno coque; usava um vestido verde-abacate justo, cinturado e de botões, que a cobria do pescoço aos pulsos e aos joelhos. E meias finas com sapatos de salto.

– Minha nossa.

– Sim, sim – disse a mãe, acendendo um cigarro. – Sei que eu pareço uma organizadora de venda de bolos da associação de pais e professores. – A sombra azul cremosa que usava tinha um pouco de brilho. Ela colou os cílios postiços com a mão não muito firme e seu delineador estava mais grosso que de costume. – Esses são seus únicos sapatos?

Leni olhou para seus sapatos Earth em forma de espátula que deixavam os dedos um pouco acima do calcanhar. Ela havia implorado por esses sapatos depois que Joanne Berkowitz ganhara um par e todos na sala tinham ficado babando.

– Eu tenho meus tênis vermelhos, mas o cadarço arrebitou ontem.

– Está bem. Não importa. Vamos.

Leni saiu da casa atrás da mãe. As duas se acomodaram nos bancos vermelhos rasgados de seu Mustang amassado e mal pintado. A mala era mantida fechada por cordas elásticas amarelas.

A mãe baixou o quebra-sol e verificou a maquiagem no espelho. (Leni estava convencida de que a chave não ligaria a ignição se a mãe não se olhasse no espelho e acendesse um cigarro.) Ela retocou o batom, comprimiu os lábios e usou a pontinha do punho do vestido para limpar uma imperfeição invisível. Quando enfim ficou satisfeita, subiu o quebra-sol e ligou o motor. O rádio ganhou vida, berrando “Midnight at the Oasis”.

– Sabia que há cem maneiras de morrer no Alasca? – perguntou Leni. – Você pode cair de uma montanha ou pelo gelo fino. Ou pode congelar ou morrer de fome. Você pode até ser *devorada*.

– Seu pai não devia ter lhe dado aquele livro.

A mãe pôs uma fita no toca-fitas e a voz de Carole King soou. *I feel the Earth move...*

A mãe começou a cantar e Leni se juntou a ela. Por maravilhosos cinco minutos, elas fizeram algo comum, seguindo pela I-5 na direção do centro de Seattle, a mãe trocando de faixa sempre que um carro surgia na sua frente, com um cigarro preso entre dois dedos da mão no volante.

Duas quadras depois, a mãe encostou em frente ao banco e estacionou. Verificou a maquiagem outra vez e disse antes de sair do carro:

– Fique aqui.

Leni se inclinou e trancou a porta. Observou a mãe andar até a porta da frente. Só que ela na verdade não andava, deslizava com os quadris se movendo delicadamente de um lado para o outro. Ela era uma mulher bonita e sabia disso. Esse era outro motivo por que a mãe e o pai brigavam. O jeito como os homens olhavam para a mãe. Ele odiava isso, mas Leni sabia que a mãe gostava da atenção (embora ela tomasse o cuidado de nunca admitir).

Quinze minutos mais tarde, quando a mãe saiu do banco, não estava deslizando. Estava marchando com os punhos cerrados. Parecia furiosa. Seu maxilar delicado estava contraído com força.

– *Filho da mãe* – disse ela enquanto abria a porta e entrava no carro. E repetiu quando bateu a porta.

– O que foi? – perguntou Leni.

– Seu pai limpou nossa poupança. E eles não vão me dar um cartão de crédito a menos que seu pai ou o *meu* se responsabilizem. – Ela acendeu um cigarro. – Pelo amor de Deus, estamos em 1974. Eu tenho um emprego. Ganho dinheiro. E uma mulher não pode ter um cartão de crédito sem a assinatura de um homem. O mundo é dos homens, filhota.

Ela ligou o carro, desceu a rua a toda e pegou a autoestrada.

Leni tinha dificuldade para permanecer no banco com todas as mudanças de faixa; ficava deslizando de um lado para outro. Estava tão concentrada em se manter firme que levou alguns quilômetros antes de perceber que haviam passado pelas colinas do centro de Seattle e agora estavam seguindo por uma vizinhança tranquila e arborizada de casas suntuosas.

– Minha nossa – disse Leni baixinho.

Leni não ia nessa rua havia anos. Tantos que ela quase tinha esquecido.

As casas da rua emanavam privilégio. Havia Cadillacs, Tornados e Lincolns novinhos estacionados nas entradas de garagem cimentadas.

A mãe estacionou em frente a uma casa grande de pedra cinza rústica com janelas com grades que formava losangos. Ficava no alto de uma pequena elevação em uma área de grama bem cuidada, cercada por todos os lados por canteiros de flores meticulosamente conservados. A caixa de correio dizia: Golliher.

– Uau. Faz anos que a gente não vem aqui – disse Leni.

– Eu sei. Fique aqui.

– De jeito nenhum. Outra garota desapareceu este mês. Não vou ficar aqui fora sozinha.

– Venha cá – disse a mãe, pegando uma escova e duas fitas rosa em sua bolsa.

Ela puxou Leni para perto e atacou seu longo cabelo vermelho-acobreado como se ele a tivesse ofendido.

– Ai! – gemeu Leni quando a mãe o prendeu em marias-chiquinhas que se projetavam em arcos como esguichos de cada lado da cabeça de Leni.

– Você hoje vai apenas escutar, Lenora – disse a mãe, amarrando fitas na extremidade de cada maria-chiquinha.

– Estou grande demais para marias-chiquinhas – reclamou Leni.

– Escutar – disse a mãe outra vez. – Traga seu livro, fique sentada em silêncio e deixe que os adultos conversem.

Ela abriu sua porta e saiu do carro. Leni apressou-se para encontrá-la na calçada.

A mãe pegou a mão de Leni e a puxou pela entrada de carros bordejada de cercas-vivas esculpidas e seguiu até uma grande porta de madeira.

Olhou para Leni e murmurou:

– Seja o que Deus quiser.

Então tocou a campainha, que emitiu um som metálico profundo, como sinos de igreja. Em seguida ouviram o som de passos abafados.

Momentos depois, a avó de Leni abriu a porta. Com um vestido cor de berinjela, um cinto fino na cintura e três fieiras de pérolas no pescoço, ela parecia pronta para almoçar com o governador. Seu cabelo castanho estava enrolado e lustroso como um daqueles pães natalinos. Seus olhos pesadamente maquiados se arregalaram.

– Coraline – sussurrou, dando um passo à frente e abrindo os braços.

– Papai está? – perguntou a mãe.

A avó recuou e deixou os braços caírem.

– Ele está no tribunal hoje.

A mãe assentiu.

– Podemos entrar?

Leni viu como a pergunta incomodou sua avó; rugas surgiram em ondas por sua testa pálida e empoadas.

– É claro. E Lenora. Que bom vê-la outra vez!

A avó recuou para as sombras. Ela as conduziu por um hall, além do qual havia salas, portas e uma escadaria que subia em curva até um segundo andar escuro.

A casa cheirava a limão e flores.

Ela as conduziu a uma varanda fechada nos fundos com janelas curvas de vidro, portas de vidro gigantes e plantas por toda parte. Os móveis eram todos de vime branco. Indicaram a Leni uma cadeira a uma mesinha de frente para o jardim externo.

– Senti muita falta de vocês duas – disse a avó. Então, como se chateada por essa confissão, ela se virou e saiu, voltando pouco depois com um livro. – Eu me lembro de como você adorava ler. Nossa, mesmo aos 2 anos, você sempre tinha um livro nas mãos. Comprei este para você há alguns anos, mas... Eu não sabia para onde mandá-lo. Ela também tem cabelo ruivo.

Leni se sentou e pegou o livro, que já havia lido tantas vezes que sabia passagens inteiras de cor. *Pippi Meialonga*. Um livro para meninas muito mais novas. Ela já passara disso havia muito tempo.

– Obrigada, senhora.

– Pode me chamar de vovó. Por favor – disse ela baixinho. Havia um toque de saudade em sua voz.

Então ela voltou a atenção para a mãe.

A avó mostrou à mãe uma mesa de ferro branca perto de uma das janelas. Em uma gaiola dourada ali perto, um par de aves brancas arrulhava uma para a outra. Leni pensou que deviam ser tristes aquelas aves que não podiam voar.

– Estou surpresa que você tenha me deixado entrar – disse a mãe enquanto se sentava.

– Não seja impertinente, Coraline. Você é sempre bem-vinda. Seu pai e eu amamos você.

– É meu marido que vocês não receberiam.

– Ele pôs você contra nós. E contra todos os seus amigos, aliás. Queria você só para ele...

– Não quero falar sobre tudo isso outra vez. Nós estamos nos mudando para o Alasca.

A avó se sentou.

– Ah, pelo amor de Deus.

– Ernt herdou uma casa e um pedaço de terra. Nós vamos plantar nossa própria horta, caçar nossa carne e viver de acordo com nossas próprias regras. Seremos puros. Pioneiros.

– Pare. Não consigo ouvir esse absurdo. Você vai segui-lo até o fim da Terra, onde ninguém vai poder ajudá-la. Seu pai e eu tentamos muito protegê-la de seus erros, mas você se recusa a ser ajudada, não é? Você acha que a vida é algum tipo de jogo. Fica se mudando de um lado para outro...

– Pare – disse a mãe de modo brusco. Ela se inclinou para a frente. – Você sabe como foi difícil para mim vir aqui?

Um silêncio seguiu essas palavras, interrompido apenas pelo arrulho de uma ave.

Parecia que um vento frio tinha passado. Leni podia jurar que as cortinas transparentes tinham se movido, mas não havia janelas abertas.

Leni tentou imaginar a mãe naquele mundo fechado e conservador, mas não conseguiu. Parecia impossível transpor o abismo entre a garota que a mãe tinha sido criada para ser e a mulher que havia se tornado. Leni se perguntou se todos aqueles protestos dos quais ela e a mãe tinham participado enquanto o pai estava ausente – contra energia nuclear, a guerra – e todos aqueles Seminários de Treinamento Erhard e as diferentes religiões que a mãe experimentara eram apenas seu jeito de protestar contra a mulher que fora criada para ser.

– Não faça essa coisa louca e perigosa, Coraline. Deixe-o. Venha para casa. Fique em segurança.

– Eu o amo, mãe. Você não consegue entender isso?

– Cora – disse a avó baixinho. – Escute-me, por favor. Você sabe que ele é perigoso...

– Nós vamos para o Alasca – disse a mãe com firmeza. – Eu vim me despedir e... – A voz dela sumiu. – Você vai nos ajudar ou não?

Por um longo momento, a avó não disse nada, apenas cruzou e descruzou os braços.

– De quanto você precisa desta vez? – perguntou por fim.



No caminho de volta para casa, a mãe fumou um cigarro atrás do outro. O volume do rádio estava tão alto que era impossível conversar. Mas, na verdade, tudo bem, porque, embora Leni tivesse uma série de perguntas, não sabia por onde começar. Nesse dia, vislumbrara um mundo sob a superfície do seu. A mãe nunca contara a Leni muita coisa sobre sua vida antes do casamento. Ela e o pai haviam fugido juntos; uma bela e romântica história de um amor que supera todas as adversidades. A mãe largara o ensino médio e “vivera de amor”. Era assim que sempre descrevia o conto de fadas. Agora Leni tinha idade suficiente para saber que, como todos os contos de fadas, o deles era cheio de espinheiros, lugares escuros, sonhos abandonados e garotas em fuga.

Cora obviamente estava com raiva de sua mãe, mas ainda assim a procurara para pedir ajuda e nem precisou pedir dinheiro para recebê-lo. Leni não con-

seguia entender, mas aquilo a perturbou. Como mãe e filha podiam se afastar tanto?

A mãe virou na entrada de carros de sua casa e desligou o motor. O rádio se calou, deixando-as no silêncio.

– Não vamos contar a seu pai que peguei dinheiro com minha mãe – disse. – Ele é um homem orgulhoso.

– Mas...

– Isto não é uma discussão, Leni. Você não vai contar a seu pai. – A mãe abriu a porta do carro, saiu e a bateu.

Confusa pela ordem inesperada, Leni seguiu a mãe pela grama molhada e mole do jardim, passando pelas moitas de zimbro do tamanho de um Volkswagen que subiam desordenadamente umas sobre as outras até a porta da frente.

Dentro de casa, o pai estava sentado à mesa da cozinha com mapas e livros espalhados a sua frente. Ele estava bebendo Coca-Cola de uma garrafa.

Quando elas entraram, ergueu os olhos e abriu um sorriso largo.

– Desenhei nossa rota. Vamos seguir pela Colúmbia Britânica e pelo território do Yukon. São quase 4 mil quilômetros. Marquem eu suas agendas, moças: em quatro dias começa nossa nova vida.

– Mas a escola não acabou... – disse Leni.

– Quem liga para a escola? Isto aqui é educação de verdade, Leni – disse o pai e olhou para a mãe. – Vendi meu GTO, minha coleção de moedas e meu violão. Temos um pouco de dinheiro. Vamos trocar seu Mustang por uma Kombi, mas, nossa, um pouco mais de dinheiro cairia bem.

Leni olhou para o lado e captou o olhar da mãe.

Não conte a ele.

Aquilo não parecia certo. Mentir não era sempre errado? E uma omissão como essa era obviamente uma mentira.

Mesmo assim, Leni ficou em silêncio. Ela nunca considerava desafiar a mãe. Em todo esse enorme mundo – e com o fantasma de sua mudança para o Alasca ele tinha triplicado de tamanho –, a mãe era a única coisa verdadeira que Leni tinha.

TRÊS



— Leni, querida, levante-se. Estamos quase chegando!

Ela piscou para acordar; no início, tudo o que viu foi seu colo coberto de farelos de batatas chips. Ao lado dela havia um jornal velho, coberto de embalagens de balas, e seu exemplar de *A Sociedade do Anel*, aberto como uma tenda, as páginas amareladas expostas. Seu bem mais valioso, uma câmera Polaroid, pendia de uma faixa em seu pescoço.

Tinha sido uma viagem incrível para o norte pela estrada ALCAN, em sua maior parte sem calçamento. Suas primeiras férias em família de verdade. Dias de carro sob a luz do sol; noites acampados ao lado de rios furiosos e córregos tranquilos, à sombra dos picos serrilhados das montanhas, aconchegados ao redor de uma fogueira, desfiando sonhos de um futuro que parecia mais próximo a cada dia. Eles assavam salsichas para o jantar, faziam *s'mores* para sobremesa e compartilhavam sonhos sobre o que descobririam ao fim da estrada. Leni nunca tinha visto os pais tão felizes. Principalmente o pai. Ele ria, sorria, contava piadas e lhes prometia a lua. Era o pai de que ela se lembrava de Antes.

Normalmente em viagens, Leni mantinha o nariz enterrado em um livro, mas dessa vez era frequente que a paisagem chamasse sua atenção, sobretudo quando passaram pelas montanhas maravilhosas da Colúmbia Britânica. Enquanto a paisagem mudava, ela ia sentada no banco traseiro da Kombi, se imaginando como Frodo ou Bilbo, a heroína de sua própria busca.

A Kombi deu um solavanco ao passar por cima de alguma coisa – talvez um meio-fio – e coisas voaram em seu interior, caíram no chão, rolaram batendo nas mochilas e caixas que enchiam a traseira da Kombi. Eles frearam barulhentosamente, com cheiro de borracha queimada e fumaça de escapamento.

O sol penetrava pela janela suja com mosquitos esmagados. Leni subiu na pilha de seus sacos de dormir mal enrolados e abriu a porta lateral. Seu cartaz decorado com o arco-íris que dizia *ALASCA OU NADA* adejava na brisa fria, as laterais presas no lugar por *silver tape*.

Leni desceu da Kombi.

– Nós conseguimos, Ruiva. – O pai se aproximou dela e pôs a mão em seu ombro. – O fim da terra. Homer, Alasca. As pessoas vêm de todos os cantos para cá estocar suprimentos. É uma espécie de último posto avançado da civilização. Dizem que é onde a terra acaba e o mar começa.

– Uau – disse a mãe.

Mesmo com todas as fotos que Leni havia estudado e todas as reportagens e livros que tinha lido, não estava preparada para a beleza selvagem e espetacular do Alasca. De algum modo era outro mundo, mágico em sua vastidão, uma paisagem incomparável de montanhas brancas cobertas de gelo que se estendiam por todo o horizonte, as pontas afiadas como facas projetando-se altas contra um céu azul-ciano sem nuvens. A baía de Kachemak era uma superfície de prata à luz do sol. Barcos pontilhavam a baía. O ar tinha um cheiro salgado, marinho. Aves costeiras flutuavam ao vento, mergulhavam e emergiam sem esforço.

O famoso Homer Spit sobre o qual havia lido era uma faixa de terra curva que avançava pouco mais de 7 quilômetros para dentro da baía. Uma confusão de casebres coloridos se erguia sobre palafitas à beira d'água, parecendo um parque de diversões: um lugar onde viajantes aventureiros fariam uma última parada para abastecer as mochilas antes de seguir para as regiões selvagens do Alasca.

Leni ergueu a Polaroid e tirou fotos o mais rápido que o revelador lhe permitia. Ela tirava uma foto atrás da outra da câmera e observava as imagens se revelarem diante de seus olhos. As construções desenhavam-se sobre o papel branco brilhante, linha por linha.

– Nossa terra fica ali – disse o pai, apontando uma cadeia de colinas verdes enevoadas ao longe, do outro lado da baía de Kachemak. – Nossa casa nova. Embora fique na península Kenai, não há estradas até lá. Enormes geleiras e montanhas isolam Kaneq do continente. Então temos de ir de avião ou de barco.

A mãe se moveu para o lado de Leni. Com seu jeans de cintura baixa e boca de sino e a camiseta regata com bordas de renda, seu rosto branco e o cabelo louro, ela parecia ter sido esculpida das cores frias daquele lugar, um anjo pousado em um litoral que esperava por ela. Até seu riso parecia em casa ali, um eco do tilintar dos mensageiros dos ventos na entrada das lojas. Uma brisa fria moldava a camiseta à forma de seus seios sem sutiã.

– O que você acha, filhota?

– É legal – disse Leni. Ela tirou outra foto, mas não havia tinta e papel que pudessem captar a grandiosidade daquela cadeia de montanhas.

O pai se virou para elas com um sorriso tão grande que enrugava seu rosto.

– A balsa para Kaneq é amanhã. Então vamos passear um pouco e depois arranjar um lugar para acampar na praia e dar uma volta. O que vocês acham?

– Sim! – disseram as duas juntas.

Enquanto se afastavam do Homer Spit e atravessavam a cidade, Leni encostou o nariz contra o vidro e ficou olhando fixamente para fora. As casas eram uma mistura eclética – construções grandes com janelas reluzentes ficavam ao lado de meias-águas tornadas habitáveis com plástico e *silver tape*. Havia casas em formato de tenda, cabanas, casas transportáveis e trailers. Ônibus estacionados ao lado da estrada tinham cortinas nas janelas e cadeiras dispostas a sua frente. Alguns jardins eram cuidados e cercados. Outros tinham pilhas de lixo enferrujado, carros abandonados e equipamentos velhos. A maioria era inacabada, de um jeito ou de outro. Negócios funcionavam em qualquer coisa, desde um trailer Airstreamer enferrujado até uma construção de madeira novinha e um barraco de beira de estrada. O lugar era um pouco selvagem, mas não parecia estranho nem remoto como ela imaginara.

O pai aumentou o rádio quando eles viraram na direção de uma praia cinzenta e comprida. Os pneus afundaram na areia; isso reduziu sua velocidade. Por toda a praia havia veículos estacionados – caminhões, vans e carros. As pessoas obviamente moravam nessa praia em qualquer abrigo que pudessem encontrar – barracas, carros velhos, barracos construídos com madeira levada pela maré e lona.

– São conhecidos como ratos do Spit – disse o pai, procurando um lugar para estacionar. – Trabalham nas fábricas de conserva e para empresas de frete.

Ele manobrou e entrou em uma vaga entre uma van Econoline suja de lama com placa de Nebraska e um Gremlin verde-limão com janelas de papelão e *silver tape*. Montaram sua barraca na areia e a amarraram ao para-choque da Kombi. O vento e a maresia eram insistentes ali.

As ondas faziam um ruído baixo ao avançarem e retrocederem. Ao redor deles, as pessoas estavam aproveitando o dia, jogando frisbees para cachorros, armando fogueiras na areia e botando caiaques na água. O barulho de vozes humanas parecia pequeno e transitório diante da grandeza do mundo ali.

Eles passaram o dia como turistas, indo de um lugar para outro. A mãe e o pai compraram cervejas no Salty Dawg Saloon, e Leni comprou uma casquinha de sorvete de uma barraca no Homer Spit. Então procuraram em caixotes do Exército da Salvação até encontrarem botas de borracha em todos os seus tamanhos. Leni comprou quinze livros velhos (a maioria deles de algum modo danificada e com manchas de água) por 50 centavos. O pai comprou uma pipa para empinar na praia, enquanto a mãe deu dinheiro escondido para Leni e disse:

– Vá comprar filme para você, filhota.

Em um pequeno restaurante na extremidade do Homer Spit, eles se juntaram

em uma mesa de piquenique e comeram caranguejos gigantes; Leni se apaixonou pelo sabor salgado e adocicado da carne branca de caranguejo mergulhada em manteiga derretida. Gaivotas piavam para eles, planavam acima, de olho em suas batatas fritas e no pão francês.

Leni não conseguia se lembrar de um dia melhor. Um futuro feliz nunca parecera tão perto.

Na manhã seguinte, conduziram a Kombi à enorme balsa *Tustamena* (chamada de *Tusty* pelos locais) que era uma parte da Autoestrada Marítima do Alasca. O barco velho e robusto servia cidades remotas como Homer, Kaneq, Seldovia, Dutch Harbor, Kodiak e as selvagens ilhas Aleutas. Assim que a Kombi estacionou em sua faixa, os três saíram correndo para o convés e seguiram para a amurada. A área estava cheia de gente, a maioria homens com cabelos compridos e barbas cerradas, usando bonés de caminhoneiro, camisas xadrez de flanela, coletes acolchoados e jeans sujos enfiados em botas de borracha marrons. Havia também alguns hippies em idade universitária, identificáveis por suas mochilas, camisas tingidas e sandálias.

A enorme balsa partiu cuspidando fumaça. Quase imediatamente Leni viu que as águas da baía de Kachemak não eram tão calmas quanto pareciam da segurança da costa. O mar era agitado e batido. Ondas subiam e estouravam contra os lados da balsa. Era bonito, mágico, selvagem. Ela tirou pelo menos uma dúzia de fotos e as enfiou no bolso.

Um bando de orcas emergiu das ondas; leões-marinhos fizeram ruídos para elas das pedras. Lontras se alimentavam em leitos de algas ao longo da costa acidentada.

Por fim, a balsa fez uma curva e deu a volta em uma elevação de terra verde-esmeralda que os protegia do vento que soprava sobre a baía. Ilhas luxuriantes com costas rochosas e cobertas de árvores os receberam em suas águas calmas.

– Kaneq se aproximando! – disseram os alto-falantes. – Próxima parada, Seldovia!

– Vamos, Allbrights, de volta para a Kombi! – disse o pai, rindo.

Ele serpentearam entre os carros enfileirados, chegaram à Kombi e entraram.

– Mal posso esperar para ver nossa casa nova – disse a mãe.

A balsa atracou e eles desembarcaram e subiram a colina por uma estrada larga de terra que atravessava uma floresta. No cume ficava uma igreja branca de tábuas horizontais com uma torre com uma cúpula azul encimada por uma cruz russa de três braços. Ao lado dela havia um cemitério cercado de estacas, cheio de cruzeiros de madeira.

Eles desceram o morro, chegaram do outro lado e deram sua primeira olhada em Kaneq.

– Espere – disse Leni, olhando pela janela suja. – Não pode ser isso.

Ela viu trailers estacionados sobre grama, com cadeiras brancas à frente e casas que seriam chamadas de barracos em Washington. Diante de um dos barracos havia três cachorros magros acorrentados; todos eles estavam diante de suas casinhas de cachorro velhas, latindo e ganindo furiosamente. O quintal coberto de capim estava cheio de buracos cavados pelos cães entediados.

– É uma cidade antiga com uma história incrível – disse o pai. – Habitada primeiro por nativos, depois por mercadores de pele russos e então tomada por aventureiros à procura de ouro. Em 1964, um terremoto atingiu a cidade com tanta força que a terra afundou 1,5 metro em um segundo. Casas desmoronaram e caíram no mar.

Leni olhou para as poucas construções decrepitas com bolhas na pintura que estavam ligadas uma às outras por uma passarela velha; a cidade era assentada sobre palafitas acima de lamaçais. Para além da lama havia uma baía cheia de barcos pesqueiros. A rua principal tinha menos de uma quadra de comprimento e não era pavimentada.

A sua esquerda havia uma taberna chamada Coice do Alce. A construção era uma casca chamuscada e enegrecida, sem dúvida vítima de um incêndio. Através do vidro sujo da janela, ela viu fregueses lá dentro. Pessoas bebendo às dez da manhã de uma quinta-feira em ruínas incendiadas.

Do lado da rua em que ficava a baía, ela viu uma pousada fechada que seu pai disse que provavelmente tinha sido construída para os negociantes de peles russos mais de cem anos antes. Ao lado dela, uma lanchonete do tamanho de um armário chamada Fish On recebia os clientes com uma porta aberta. Leni pôde ver algumas pessoas debruçadas sobre um balcão em seu interior. Havia algumas caminhonetes velhas estacionadas perto da entrada da baía.

– Onde é a escola? – disse Leni sentindo uma pontada de pânico.

Aquilo não era uma cidade. Um posto avançado, talvez. O tipo de lugar que uma caravana rumo ao oeste poderia ter encontrado cem anos antes, o tipo de lugar onde ninguém ficava. Será que havia *alguém* da sua idade ali?

O pai estacionou em frente a uma casa vitoriana estreita e de telhado íngreme que parecia ter sido azul e agora mostrava apenas manchas dessa cor aqui e ali na madeira desbotada cuja tinta havia descascado. Na janela, em letras rebuscadas e douradas, havia as palavras ESCRITÓRIO DO ENSAIADOR. Embaixo delas, alguém tinha prendido com fita adesiva uma placa escrita à mão POSTO COMERCIAL/ARMAZÉM.

– Vamos pedir informações, Allbrights.

A mãe saiu rapidamente da Kombi e correu na direção da pequena civilização

que aquele armazém representava. Quando abriu a porta, um sino tocou acima de sua cabeça. Leni esgueirou-se atrás da mãe e pôs a mão na cintura.

A luz do sol entrava pelas janelas atrás delas, iluminando a parte da frente do armazém. Depois disso, apenas uma lâmpada no teto oferecia luz. Os fundos eram cheios de sombras.

O interior cheirava a couro velho, uísque e tabaco. As paredes eram cobertas de fileiras de prateleiras; Leni viu serras, machados, enxadas, botas de pele para neve, botes de pesca de borracha, pilhas de meias e caixas cheias de lanternas de cabeça. Armadilhas de aço e rolos de corrente pendiam de cada coluna. Havia pelo menos uma dúzia de animais empalhados sobre as prateleiras e balcões. Um salmão-rei gigante estava preso para sempre em uma placa de madeira reluzente, assim como cabeças de alce, chifres e crânios brancos de animais. Havia até uma raposa-vermelha acumulando poeira em um canto. À esquerda ficavam os produtos alimentícios: sacas de batatas e baldes de cebolas, latas de salmão, caranguejo e sardinhas empilhadas, sacos de arroz, farinha e açúcar, latas de gordura Crisco e o favorito dela: o corredor de petiscos, onde belas e coloridas embalagens de doces a lembravam de casa. Batatas fritas, sacos de doces amanteigados e caixas de cereal.

– Fregueses!

Leni ouviu o bater de palmas. Uma mulher negra com o cabelo tipo *black power* emergiu das sombras. Ela era alta e de ombros largos e tão grande que precisava se virar de lado para sair de trás do balcão de madeira polida. Pequenos sinais negros pontilhavam seu rosto.

Ela se aproximou deles rapidamente, com pulseiras de marfim chacoalhando em seus pulsos grossos. Ela era velha: pelo menos 50 anos. Usava uma saia comprida de jeans com patchwork que não combinava com as meias de lã, sandálias de dedos de fora e uma camisa comprida azul, desabotoada para revelar uma camiseta desbotada. Havia uma faca embainhada pendurada no cinto grosso de couro em sua cintura.

– Bem-vindos! Sei que parece desorganizado e assustador, mas sei onde está tudo, até os anéis de vedação e as pilhas palito. As pessoas me chamam de Marge Gorda – disse ela estendendo a mão.

– E você deixa? – perguntou a mãe oferecendo seu sorriso bonito, aquele que atraía as pessoas e fazia com que elas retribuíssem.

Ela apertou a mão da mulher.

O riso de Marge Gorda era alto e entrecortado, como se ela não conseguisse ar suficiente.

– Adoro uma mulher com senso de humor. Então, quem eu tenho o prazer de conhecer?

– Cora Allbright – disse a mãe. – E esta é minha filha, Leni.

– Bem-vindas a Kaneq, senhoras. Nós não recebemos muitos turistas.

O pai entrou na loja bem a tempo de dizer:

– Nós somos locais, ou estamos prestes a ser. Acabamos de chegar.

O queixo duplo de Marge Gorda ficou triplo quando ela o contraiu com o susto.

– Locais?

O pai estendeu a mão.

– Bo Harlan me deixou sua casa. Viemos para ficar.

– Caramab. Sou sua vizinha, Marge Birdsall, a menos de um quilômetro pela estrada. Tem uma placa. A maioria das pessoas aqui vive longe das ruas, no mato, mas temos bastante sorte por estarmos em uma estrada. Então, vocês têm todos os suprimentos de que precisam? Podem abrir uma conta aqui na loja se quiserem, e podem me pagar em dinheiro ou com trocas. É como as coisas são feitas aqui.

– É exatamente esse tipo de vida que estávamos procurando – disse o pai.

– Preciso admitir que o dinheiro está um pouco curto, então pagar por meio de troca seria bom. Eu sou um mecânico muito bom. Posso consertar quase qualquer motor.

– É bom saber. Vou espalhar a informação.

O pai assentiu.

– Bom. Nós gostaríamos de um pouco de bacon. Talvez um pouco de arroz. E uísque.

– Ali – disse Marge Gorda apontando. – Atrás da fileira de machados e machadinhas.

O pai seguiu a instrução dela e foi até as sombras do fundo da loja. Marge se virou para a mãe e a fitou dos pés à cabeça em um único olhar avaliador.

– Imagino que este seja o sonho do seu marido, Cora Allbright, e que vocês vieram para cá sem muito planejamento.

A mãe sorriu.

– Nós fazemos tudo por impulso, Marge Gorda. Isso mantém a vida empolgante.

– Bom, você vai precisar ser dura, aqui, Cora Allbright. Por você e pela sua filha. Não pode apenas confiar no homem. Precisa ser capaz de salvar a si mesma e a essa sua linda menina.

– Isso é bastante dramático – disse a mãe.

Marge Gorda se abaixou até uma grande caixa de papelão e a arrastou pelo chão até junto dela. Remexeu em seu interior, seus dedos negros se movendo como os de um pianista, até que ela tirou dois apitos laranja grandes com cordões pretos. Pôs um deles no pescoço de cada uma.

– É um apito de ursos. Vocês vão precisar. Lição número um: nada de andar em silêncio ou desarmado no Alasca. Não tão longe como aqui, não nessa época do ano.

– Você está tentando nos assustar? – perguntou a mãe.

– Podem apostar que sim. Aqui, o medo é senso comum. Muita gente vem para cá, Cora, com câmeras e sonhos de uma vida mais simples. Mas cinco em cada mil alaskianos desaparecem todo ano. Simplesmente desaparecem. E a maioria dos sonhadores... Bem, eles não conseguem passar pelo primeiro inverno. Mal podem esperar para voltar para a terra de cinemas drive-in e de aquecimento que chega com o apertar de um botão. E para a luz do sol.

– Você faz o lugar parecer perigoso – disse a mãe, desconfortável.

– Dois tipos de pessoas vêm para o Alasca, Cora. As que estão fugindo para alguma coisa ou as que estão fugindo de alguma coisa. Você vai querer ficar de olho nas pessoas do segundo tipo. O Alasca pode ser a Bela Adormecida em um minuto e uma vadia com uma espingarda de cano serrado no outro. Há um ditado: Aqui você pode cometer um erro. O segundo o mata.

A mãe acendeu um cigarro. Sua mão estava tremendo.

– Como comitê de boas-vindas, você deixa algo a desejar, Marge.

Marge Gorda riu outra vez.

– Você está absolutamente certa sobre isso, Cora. Minhas habilidades sociais foram pelo ralo. – Ela sorriu e pôs a mão no ombro magro da mãe, de um jeito reconfortante. – Aqui está o que você quer ouvir: somos uma comunidade unida aqui em Kaneq. Há menos de trinta de nós vivendo nesta parte da península o ano inteiro, mas cuidamos uns dos outros. Minha terra é perto da sua. Se precisarem de alguma coisa, qualquer coisa, é só pegar o rádio amador. Irei correndo.



O pai abriu uma folha de caderno sobre o volante; no papel havia um mapa que Marge Gorda desenhara para eles. O mapa mostrava Kaneq como um grande círculo vermelho, com uma única linha partindo dele. Essa era a estrada (só havia uma mesmo, dissera ela) que ia da cidade para a enseada Otter. Havia três X ao longo da linha reta. O primeiro era a propriedade de Marge Gorda, à esquerda, depois a de Tom Walker à direita e, por fim, a velha casa de Bo Harlan, que ficava bem no fim da linha.

– Então – disse o pai. – Seguimos por 3 quilômetros depois do riacho Icicle e vamos ver o início da terra de Tom Walker, marcada por um portão de metal. Nossa casa é só um pouco mais longe. No fim da estrada – disse o pai deixando

o mapa cair no chão enquanto se afastavam da cidade. – Marge disse que não temos como errar.

Atravessaram ruidosamente uma ponte de aspecto frágil que formava um arco acima de um rio azul cristalino. Passaram por terras pantanosas, pontilhadas por flores amarelas e rosa, depois por uma pista de pouso, onde quatro aviões pequenos e decrépitos estavam amarrados.

Logo depois da pista de pouso a estrada de cascalho se transformava em terra e pedras. Árvores se tornavam mais próximas dos dois lados. Lama e mosquitos batiam no para-brisa. Buracos do tamanho de piscinas infantis faziam a velha Kombi sacolejar.

– Que droga – dizia o pai toda vez que eles eram jogados de seus assentos.

Não havia casas, ali, nenhum sinal de civilização, até que chegaram a uma entrada de carros cheia de lixo enferrujado e veículos apodrecendo. Uma placa escrita à mão dizia: BIRDSALL. A casa de Marge Gorda.

Depois disso, a estrada ficava pior. Mais acidentada. Uma combinação de granito e poças de lama. Dos dois lados, havia mato que crescia sem controle e arbustos e árvores altas o suficiente para bloquear a vista de qualquer coisa.

Agora eles estavam *mesmo* no meio do nada.

Depois de mais um trecho de estrada vazia, eles chegaram a um crânio de vaca embranquecido sobre o portão de metal enferrujado que marcava a propriedade de Walker.

– Preciso dizer que desconfio um pouco de vizinhos que usam animais mortos na decoração – disse a mãe, segurando a maçaneta da porta que saiu em sua mão quando passaram por um buraco.

Cinco minutos depois, o pai pisou no freio. Cinquenta metros a mais e eles teriam caído de um precipício.

– Meu Deus – disse a mãe.

A estrada havia desaparecido; em seu lugar, arbustos e uma borda de granito. Literalmente o fim da terra.

– Chegamos!

O pai saltou da Kombi e bateu a porta.

A mãe olhou para Leni. As duas estavam pensando a mesma coisa: não havia nada ali além de árvores, lama e um penhasco que podia tê-los matado sob a neblina. Elas saíram da Kombi e se abraçaram. Não muito longe – supostamente abaixo do penhasco à sua frente –, as ondas quebravam e rugiam.

– Vejam só isso! – O pai abriu bem os braços, como se quisesse abraçar aquilo tudo.

Ele parecia estar crescendo diante de seus olhos, como uma árvore, espalhando

bem seus galhos, ficando forte. Ele *gostava* do nada que via, da vastidão vazia. Era em busca disso que ele tinha vindo.

A entrada de sua propriedade era uma faixa estreita de terra com penhascos dos dois lados, cujas bases eram açoitadas pelo oceano. Leni achou que um raio ou um terremoto podiam separar aquela terra do continente e deixá-la à deriva, uma ilha fortificada flutuante.

– Essa é nossa entrada de carros – disse o pai.

– Entrada de carros? – repetiu a mãe olhando fixamente para a trilha através das árvores. Parecia que ela não era usada havia anos. Amieiros de tronco fino cresciam no caminho.

– Bo saiu daqui há muito tempo. Vamos ter que limpar as plantas novas da estrada, mas por ora iremos a pé – disse o pai.

– A pé? – repetiu a mãe.

Ele começou a tirar as coisas da Kombi. Enquanto Leni e a mãe ficavam paradas olhando para as árvores, o pai dividiu as coisas de que precisavam em três mochilas e disse:

– Muito bem. Vamos lá.

Leni olhou para as mochilas sem acreditar.

– Aqui, Ruiva – disse ele levantando uma bolsa que parecia grande como um Buick.

– Você quer que eu ponha isso nas costas? – perguntou ela.

– Sim, se você quiser comida e um saco de dormir na cabana. – Ele sorriu. – Vamos lá, Ruiva. Você consegue.

Ela deixou que ele ajustasse a mochila em suas costas e se sentiu como uma tartaruga com um casco grande demais. Se caísse, nunca conseguiria se levantar. Ela se moveu de lado com extremo cuidado enquanto o pai ajudava a mãe a botar sua mochila.

– Está bem, Allbrights – disse o pai erguendo e botando a própria mochila nas costas. – Vamos para casa!

Ele saiu andando, balançando os braços no ritmo de seus passos. Leni podia ouvir suas velhas botas do Exército triturando e deslizando na terra enlameada. Ele ia assoviando, como Johnny Appleseed.

A mãe lançou um olhar desejoso à Kombi. Em seguida se virou para a filha e sorriu, mas, para Leni, pareceu mais uma expressão de terror que de alegria.

– Então está bem – disse ela. – Vamos.

Leni estendeu o braço e pegou a mão da mãe.

Eles caminharam por uma terra sombreada por árvores, seguindo uma trilha estreita e sinuosa. Podiam ouvir o mar quebrando a sua volta. À medida que

seguiram, o som das ondas diminuía. A terra se expandia. Mais árvores, mais terra, mais sombra.

– Meu Deus do céu – disse a mãe depois de algum tempo. – Ainda falta muito? – Ela tropeçou em uma pedra e caiu com força.

– Mãe! – Leni estendeu os braços para ela sem pensar e sua mochila a jogou no chão. Sua boca se encheu de lama, e ela cuspiu.

Em um instante o pai chegou ao lado delas, ajudando Leni e a mãe a se levantarem.

– Aqui, garotas, se apoiem em mim – disse ele. E partiram outra vez.

As árvores se amontoavam umas sobre as outras, brigavam por espaço e deixavam a trilha escura e sombria. A luz do sol penetrava, mudando a cor e a luminosidade à medida que andavam. O chão era acarpetado por líquen, que o tornava esponjoso, como caminhar sobre marshmallows. Em pouco tempo Leni percebeu que estava com os tornozelos nas sombras. A escuridão parecia estar subindo em vez de o sol descendo. Como se a escuridão fosse a ordem natural ali.

Galhos se prendiam em seus rostos, eles tropeçavam no chão esponjoso, até que enfim saíram à luz outra vez, em uma campina de mato na altura dos joelhos e flores silvestres. Seus 16 hectares eram uma península; uma grande faixa de terra coberta de capim empoleirada acima de água que a cercava por três lados, com uma pequena praia em forma de C no meio. Ali, a água era calma, serena.

Leni entrou cambaleante na clareira e largou a mochila no chão. A mãe fez o mesmo.

E ali estava: a casa que eles tinham ido reclamar. Uma pequena cabana construída com troncos enegrecidos pelo tempo, com um telhado inclinado coberto de musgo decorado com dezenas de crânios de animais. Um deque apodrecido se projetava da frente, atulhado de cadeiras plásticas mofadas. À esquerda, entre a cabana e as árvores, havia cercados de animais e um galinheiro, todos em ruínas.

Havia lixo por toda parte, jogado sobre o mato: uma grande pilha de rodas, tambores de óleo, rolos de arame avermelhado, uma máquina de lavar antiquada de madeira com um torcedor movido a manivela.

O pai pôs as mãos na cintura, jogou a cabeça para trás e uivou como um lobo. Quando parou e o silêncio caiu outra vez, ele tomou a mãe nos braços e rodou com ela.

Quando finalmente a soltou, a mãe cambaleou para trás; estava rindo, mas havia uma espécie de horror em seus olhos. A cabana parecia algo em que um velho eremita desdentado moraria, e era *pequena*.

Eles todos ficariam amontoados em um único cômodo?

– Olhem para isso – disse o pai com um gesto amplo. Elas se viraram da cabana e olharam para o mar. – Esta é a enseada Otter.

Naquela hora de fim de tarde, a península e o mar pareciam ter brilho próprio como uma terra encantada de contos de fadas. As cores eram mais vibrantes do que ela jamais tinha visto. Ondas que lambiam a praia de seixos deixavam um resíduo cintilante. Na margem oposta, as montanhas eram de um roxo profundo e luxuriante na base e completamente brancas nos cumes.

A praia lá embaixo – a praia deles – era uma curva de seixos cinza polidos, lavados por uma onda suave de espuma branca. Uma escada velha construída em forma de raio ia da área coberta de mato até a margem. A madeira tinha ficado cinza com a idade e estava preta de mofo; tela de arame cobria cada degrau. A escada parecia frágil, como se um vento forte pudesse destruí-la.

A maré estava baixa; lama cobria tudo, escorrendo ao longo da praia, que estava coberta de diversos tipos de algas marinhas. Montes de mariscos negros reluzentes ficavam expostos nas pedras.

Leni se lembrava do pai lhe dizendo que, em Upper Cook Inlet, a subida da maré e seu encontro com as águas dos rios criava ondas grandes o suficiente para surfar; as marés ali também eram muito altas. A segunda maior do mundo. Só a baía de Fundy tinha uma maré mais alta. Ela não havia entendido bem esse fato até então, quando viu a que altura nas escadas a água podia chegar. Seria bonito na maré alta, mas nesse momento, com a maré recuada e lama por toda parte, ela entendeu o que isso significava. Na maré baixa, a propriedade era inacessível por barco.

– Vamos – disse o pai. – Vamos dar uma olhada na casa.

Ele pegou Leni pela mão e os conduziu pelo capim e as flores silvestres, passando pelo lixo – barris virados, pilhas de paletes de madeira, geladeiras de plástico velhas e armadilhas de caranguejo quebradas. Mosquitos picavam a pele dela, tiravam sangue, faziam um ruído constante.

Nos degraus da varanda, a mãe hesitou. O pai soltou a mão de Leni, subiu a escada envergada, abriu a porta da frente e desapareceu lá dentro.

A mãe ficou ali parada por um momento, respirando fundo. Deu um tapa forte no pescoço e deixou uma mancha de sangue.

– Bem – disse. – Isso não era o que eu esperava.

– Nem eu – concordou Leni.

Houve outro longo silêncio. Em seguida, a mãe disse baixinho:

– Vamos.

Ela segurou a mão de Leni enquanto subiam os degraus bambos e entravam na cabana escura.

A primeira coisa que Leni percebeu foi o cheiro.

Cocô. Algum animal (ela *esperava* que tivesse sido um animal) tinha feito cocô por toda parte.

Ela cobriu o nariz e a boca com a mão.

O lugar era cheio de sombras e formas escuras. Teias de aranha pendiam das vigas em emaranhados grossos. A poeira fazia com que fosse difícil respirar. O chão estava coberto de insetos mortos, então cada passo fazia um ruído de trituração.

– Eca – disse Leni.

A mãe abriu as cortinas sujas e a luz do sol entrou, densa com partículas de poeira.

O interior era maior do que aparentava por fora. O piso tinha sido feito de compensados rústicos e diferentes, como uma colcha de retalhos. Paredes de troncos descascados exibiam armadilhas para animais, varas de pesca, cestos, frigideiras, baldes, redes. A cozinha – se é que podia se chamar assim – ocupava um canto do cômodo principal. Leni viu um velho fogareiro de acampamento e uma pia sem torneiras, embaixo da qual havia um espaço coberto por uma cortina. Na bancada havia um velho rádio amador, provavelmente da Segunda Guerra Mundial, coberto de poeira. O centro do aposento era ocupado por um fogão a lenha preto, e sua chaminé de metal subia até o teto como um dedo nodoso apontado para o céu. Um sofá em farrapos, um caixote de madeira virado com BLAZO escrito na lateral e uma mesa de carteador com quatro cadeiras de metal compunham a mobília da casa. Uma escada de troncos estreita e íngreme levava a um espaço elevado iluminado pela luz natural, e à esquerda, uma cortina de contas psicodélicas pendia de uma porta estreita.

Leni afastou a cortina de contas empoeirada e entrou no quarto, que era pouco maior que o colchão manchado e encaroçado no chão. Ali havia mais lixo pendurado em ganchos nas paredes. O lugar cheirava vagamente a excremento animal e poeira acumulada.

Leni manteve a mão sobre a boca, com medo de vomitar quando voltou para a sala (*crunch, crunch* sobre os insetos mortos).

– Onde é o banheiro?

A mãe ofegou, foi depressa para a porta da frente, abriu-a e saiu correndo.

Leni a seguiu pelo deque e desceu os degraus parcialmente quebrados.

– Ali – disse a mãe e apontou para uma pequena construção de madeira cercada por árvores. Uma meia-lua recortada na porta a identificava.

Um banheiro externo.

Um banheiro *externo*.

– Que bosta – sussurrou a mãe.

– Sem trocadilhos – disse Leni.

Ela se apoiou na mãe. Sabia o que a mãe estava sentindo nesse momento, então tinha de ser forte. Era assim que elas faziam. Revezavam-se em ser fortes. Foi como resistiram ao anos da guerra.

– Obrigada, filhota. Eu precisava disso. – A mãe passou o braço em volta de Leni e a puxou para perto. – Nós vamos ficar bem, não vamos? Não precisamos de televisão. Nem de água corrente. Nem de eletricidade. – Sua voz terminou em uma nota aguda e estridente que parecia desesperada.

– Nós vamos fazer o melhor possível – disse Leni tentando parecer segura em vez de preocupada. – E, dessa vez, ele vai ficar feliz.

– Você acha?

– Eu sei que vai.